

## FILOSOFIA, LINGUAGEM, LINGUÍSTICA

«O filósofo não é cidadão de uma paróquia do pensamento, É isso que faz dele um filósofo.»

*WITTGENSTEIN*

1, De tal forma é grande a incidência dos estudos sobre a linguagem no pensamento actual, e tão influente tem sido a sua teorização científica na reflexão filosófica, que poderíamos afirmar que a Filosofia está, no momento actual, numa posição- semelhante perante a Linguística àquela que Kant, no seu tempo, determinou perante a Física-matemática newtoniana,

É certo que a Física newtoniana constituía o vértice da Ciência ao tempo de Kant, enquanto que seria absurdo pretender que a Linguística constitua o todo, ou sequer o modelo da Ciência contemporânea.

Por outro lado, a Ciência, para Kant, era tida como absoluta e necessária, inamovível nos seus quadros fundamentais, enquanto que a situação epistemológica contemporânea inibe qualquer concepção que se estruture no quadro paradigmático! de uma ciência absoluta, eterna e determinista.

Acresce que o papel fulcral desempenhado pela Física-matemática na economia do pensamento coevo levou a que Kant posicionasse como homólogos os princípios fundamentais da Ciência e as categorias do conhecimento em geral. Tal sobreposição é, hoje em dia, teoricamente insustentável.

Assim, quando falamos do papel desempenhado actualmente pela Linguística face à Filosofia contemporânea, queremos sobretudo sublinhar nó comparação polémica que acima subscrevemos,

o papel motor que uma disciplina não filosófica pode desempenhar na alteração dos quadros da reflexão tradicional\*

O interesse da Filosofia pela linguagem não é de hoje, e não se deve, no nosso tempo, ao simples estímulo da Linguística, Como pertinentemente aduz Jean Ladrière «esta concentração sobre a linguagem, [...] não é o simples reflexo do desenvolvimento de certas ciências humanas e do papel paradigmático atribuído à linguística, mas [...] pertence, por uma espécie de necessidade histórica, ao próprio aprofundamento da problemática interna da filosofia... (\*)♦

A Filosofia da linguagem conheceu de facto a partir do séc. XIX um desenvolvimento e uma importância no seio da Filosofia que nunca mais esmoreceu e que, pelo contrário, veio a conhecer uma dimensão que, na sua amplitude, só tem paralelo com a progressiva e rápida organização da ciência da linguagem <sup>(2)</sup>.

Há autores, como K.-O. Apel, que sustentam, inclusive, que a Filosofia da linguagem delimita um campo por tal forma crucial, no seio da Filosofia cointemporânea, que «poderíamos dizer que a «filosofia primeira» já não é a investigação da «natureza» ou da «essência» das «coisas» ou do «ente» («ontologia»), nem mesmo a reflexão sobre as «representações» ou «conceitos» da «consciência» ou da «razão» («teoria do conhecimento»), mas antes a reflexão sobre o «significado» ou o «sentido» das expressões linguísticas («análise da linguagem»)» <sup>(3)</sup>.

Num sentido muito próximo do de Apel, embora não comungando das teses e dos pressupostos hermenêutico-transcendentais

---

(\*) Ladrière, Jean — Prefácio a Hottois, Gilbert — «L'inflation du langage dans la philosophie contemporaine» — Bruxelles, ed. de l'université libre de Bruxelles, 1979, pág. 14

<sup>(2)</sup> As expressões «Filosofia da linguagem» e «Linguística» são ambas do séc. XIX. No dizer de Kristeva, J. — «Le langage, cet inconnu» — Paris, Seuil, 1981, pág. 10, «a palavra *linguística* foi registada pela primeira vez em 1833»,

Por sua vez Descombes, V. — «La grammaire d'objects en tous genres» — Paris, Minuit, 1981, pág. 48, afirma que «a locução *Filosofia da linguagem* figura pela primeira vez, ao que parece, no «Sistema de Lógica» (1843) de Stuart Mill».

<sup>(3)</sup> Apel, K.-O. — «La transformación de la filosofía» — Vol. II, Madrid, Taurus, — 1985, pág. 317-18.

deste, também Herman Parret <sup>(4)</sup> sustenta que «a Metafísica (ou Ontologia), a Epistemologia e a Semiótica são três paradigmas sucessivos, ou três tipos de *Proté Phāsophia* (Filosofia Primeira) que se realizaram dentro da história do pensamento humano»,

«Dentro deste novo paradigma», continua, «é a função: *signica* (*signfunction*) — discurso significante, uso da linguagem com sentido — que se torna na condição de todo o conhecimento, e mesmo da própria subjectividade e do seu correlativo, o mundo objectivo».

Perante esta situação radicalmente nova do posicionamento da Filosofia perante a linguagem há que ter presente, contudo, como adverte Apel, «um preocupante distanciamento^ entre a filosofia e as ciências que se ocupam da linguagem»» «Será», prossegue, que a filosofia «tem que ceder a determinação fecunda do conceito de *linguagem* — tal como a determinação do conceito de *natureza* (inorgânica e orgânica) — à *construção teórica* das ciências particulares?» <sup>(5)</sup>,

Se a resposta a esta pergunta não é positiva e se a Filosofia da linguagem tem um campo próprio e uma especificidade teórica, não é menos certo, conforme acautela Apel, que «isto não significa de modo algum que a filosofia deva ou possa desconsiderar as ciências empíricas ao determinar o conceito de linguagem» <sup>(6)</sup>.

Valha a verdade, porém, que apesar destas prevenções e ao arrepio da consolidação progressiva das ciências linguísticas, ao longo do século, várias são as tendências na filosofia contemporânea que, privilegiando embora o papel da linguagem ou conferindo-lhe uma prioridade sistemática, ignoram mesmo assim as investigações linguísticas ou contornam, de forma mais ou menos explícita, os seus resultados.

Ora, independentemente do que releva, por definição, da epistemologia da linguística (ou, para falar como Ricoeur, da filosofia da linguística) o certo é que o novo terreno aberto pelas ciências linguísticas condiciona, directa ou indirectamente, as teses e propostas teóricas que filosofia avance no domínio da linguagem.

---

<sup>(4)</sup> Parret, H. — «Semiotics and pragmatics» — Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Pub. Co., 19813, pág» 6.

<sup>(5)</sup> Apel, K.O., op. cit, pág. 318.

<sup>(6)</sup> Id.

Mesmo aqueles que deliberadamente ignoram a Linguística, remetendo-a para o limbo dos «trabalhos empíricos», não podem deixar de se debater com esta circunstância Linguística *existe* como disciplina autónoma, pelo menos desde Saussure e, por isso, o campo de reflexão sobre a linguagem deixou de estar ocupado, isoladamente, pela Filosofia ou pela parte da Filosofia que dela constitui seu tema,

A partir da constituição da Linguística como ciência, ignorá-la ou esquecer-la como representação científica da linguagem seria tão estulto como conceber a possibilidade de uma filosofia do conhecimento que ignorasse a constituição da Física Moderna ou a Revolução Científica do séc, XVII

Certo é que a Linguística surge numa situação epistemológica confusa (alguns dirão mesmo de crise), facto esse que nos seus primórdios não deixa de, sintomaticamente, reflectir\*

São conhecidas, por exemplo, as contradições das quais Saussure não se consegue desfazer e sobretudo as hesitações que projecta na sua obra epistemológica fundamental (o «Cours de Linguistique générale») entre uma linha de continuidade com as investigações imediatamente anteriores no campo da linguagem (como sejam a gramática histórica e gramática comparada) e uma linha de clara ruptura com a tradição, como condição\* de possibilidade de uma nova ciência.

Hesitações e contradições que se originam, principalmente, na necessidade de demarcação e definição do objecto de conhecimento, condição sine qua non da constituição científica da Linguística.

E assim, já no remate do «Cours», extrai Saussure a conclusão que «Das incursões que acabamos de fazer nos domínios científicos da nova ciência, retira-se um ensinamento completamente negativo, mas tanto mais interessante quanto ele concorda com a ideia fundamental deste curso: *a linguística tem por único e verdadeiro objecto a língua considerada em si mesma e por si mesma*» <sup>(7)</sup> (Sub. aut).

Não é, todavia, de uma forma tão expedita que esta problemática se soluciona. Os modelos teóricos fundamentais de Saus-

---

<sup>(7)</sup> Saussure, F. — «Cours de linguistique générale» — Paris, Payot, 1960, pág. 3117.

sure, adoptados e trabalhados ao longo do processo inédito das suas investigações, deixam por esclarecer, numa larga margem de indeterminação e ambiguidade, todo um conjunto de temáticas com pertinentes incidências epistemológicas que se vão evidenciar nas análises dos continuadores da sua obra»

Outros são, de facto, os que completam e fundamentam epistemologicamente a linguística estrutural. Se é certo que os pressupostos da linguística estavam implícitos em Saussure, eles não foram definidos senão muito tempo depois, nos «Prolegómenos a uma teoria da linguagem» de Hjelmslev<sup>(8)</sup>.

Ora, *este* último autor considera preliminar a qualquer tipo de teoria científica da linguagem a sua separação das especulações típicas da filosofia da linguagem já que estas raramente se «efectuam numa vasta escala, por investigadores tendo um conhecimento suficiente quer da linguística quer da epistemologia»<sup>(9)</sup>»

Por outra via e noutro paradigma<sup>(10)</sup>, também Chomsky, apesar do aparente retorno à filosofia que a sua investigação constitui, não deixa de considerar fundamental uma separação protocolar entre a linguística e a filosofia da linguagem»

Os «pais fundadores» da linguística estrutural (incontroversamente: Saussure, Hjelmslev e Chomsky) dedicaram largo espaço nas suas investigações à problemática da fundamentação epistemológica da sua disciplina»

Certo é que não seguiram concepções epistemológicas idênticas nem mesmo se inscreveram dentro do mesmo paradigma científico» (São óbvias, por exemplo, as conexões de Saussure com

---

<sup>(8)</sup> Diéguez, M. de — «Science et nescience» — Paris, Gallimard, '1970, pág» 248.

<sup>(9)</sup> Hjelmslev, L. — «Prolégomènes à une théorie du langage» — Paris, Minuit, 1968-711, pág. «lô.

<sup>(10)</sup> Aguiar e Silva, V. M. — «Competência linguística e competência literária» — ■ Coimbra, Almedina, '1977, pág, 11, afirma que «...o aparecimento das teorias de Chomsky representa tipicamente uma «revolução científica» (...) e «representa a ruptura com um *paradigma* que vigorara durante longos anos nas comunidades científicas norte-americanas consagradas à investigação linguística e psicológica».

*Diga.se*, ao correr da citação, que este texto é dos poucos que, entre nós, se debruça de forma directa sobre a problemática da epistemologia da linguística.

concepções ainda kantianas da ciência <sup>11</sup>), as de Hjelmslev com o empirismo lógico e as de Chomsky com o racionalismo crítico de Popper).

Fossem quais fossem, porém, as divergências epistemológicas levantadas pela linguística nas suas primícias constitucionais, nunca deixou de se demarcar claramente em relação à temática e à metodologia da tradição filosófica.

Numa palavra, a filosofia da linguística não é a filosofia da linguagem!

2, Dizíamos atrás que o interesse da filosofia pela linguagem não é um fenómeno especificamente contemporâneo. De facto, ao longo da sua história vários foram os momentos e as maneiras como a Filosofia encarou as questões relativas à linguagem. De Platão a St Agostinho, dos Estóicos a Condillac, de Leibniz a Wittgenstein, houve sempre autores para quem a linguagem constituiu tema de reflexão filosófica específica e fonte de perplexidades e enigmas a requerer uma teorização mais ou menos sistemática.

Se a reflexão sobre a linguagem não é novidade no campo da Filosofia e aí tenha ocupado sempre um lugar de relevo, já é, todavia, específico do nosso tempo, segundo Paul Ricoeur, que «... o conhecimento conceptual da linguagem enquanto tal seja considerado, por vários filósofos, como prolegómenos à resolução dos problemas fundamentais da filosofia...» <sup>12</sup>).

Para Ricoeur, aliás, a «ideia que uma teoria dos *signa* possa e deva preceder uma teoria das *res* é característica de uma grande parte da filosofia da nossa época» <sup>13</sup>. E argumentando sobre as várias formas de reflectir sobre a linguagem e as metodologias adoptadas entende que «se podem repartir em três grupos os trabalhos susceptíveis de dar um sentido à expressão Filosofia da Linguagem» <sup>14</sup>)\*

---

<sup>11</sup>) Milner, J. C. — «L'Amour de la langue» — Paris, Seuil, 1978, pág. 49-50, passim

<sup>12</sup>) Paul Ricoeur, «Philosophie et Langage», in Klibansky, Raymond (ed.) — «Contemporary Philosophy» — Firenze, La Nuova Italia Editrice, 1969 — Vol III, pág. 12712 (m. trad.)-

<sup>13</sup>) Id., *icL*

<sup>14</sup>) Id., *icL*

Teremos assim as investigações no âmbito da filosofia da linguística; as que respeitam à clarificação da linguagem; e as que discutem a prioridade e o lugar da linguagem na interrogação filosófica.

Da análise desta pluralidade metodológica, e das conseqüentes vias de investigação possíveis, acaba o autor por indagar se os parceiros do debate acerca da filosofia da linguagem *saberão* as mesmas coisas e terão o mesmo *horizonte* de pensamento...?

A conclusão é a um tempo irónica e pessimista: «Na filosofia da linguagem não se fala... a mesma linguagem.»<sup>(15)</sup>\*

Este título de Ricoeur, a vários títulos programático e precursor, interessa-nos aqui particularmente pela forma meridiana como equaciona a problemática da Filosofia da Linguagem nas suas determinantes contemporâneas e nas suas rupturas com a tradição.

Penso, de facto, que quando hoje em dia reflectimos de dentro da filosofia sobre as questões linguísticas, temos que ter presente, antes do mais, qual é o *autêntico* objecto das nossas indagações e qual a perspectiva pela qual o estamos a encarar; Ora aí surge, logo de início, um complexo labirinto (que Ricoeur tenta, à sua maneira, descrever) onde se corre o sério risco de desorientação péla pluralidade de bifurcações e trajectos paralelos que se nos deparam.

A razão de ser desta dificuldade primacial reside na impossibilidade em sistematizar, de forma fidedigna e coerente, o conjunto díspar das várias disciplinas que, hodiernamente, se ocupam da

---

<sup>(15)</sup> Id., pág. 291. Ricoeur apela claramente para uma unificação do campo da Filosofia da linguagem, como se pode verificar no seu texto «De l'interprétation-Essai sur Freud», Paris, Seuil, 11065, pág. 13-14, onde diz que «estamos hoje à procura de uma grande filosofia da linguagem que dê conta das múltiplas funções do significar humano e das suas relações mútuas». Elucida, logo adiante, que duvida que «um homem sozinho seja capaz de elaborá-la» e que «enquanto esperamos esse filósofo integral da linguagem, talvez seja possível explorar algumas articulações-chaves entre disciplinas vinculadas à linguagem».

Não se assemelha, contudo, pela evolução das ciências linguísticas, e pelos caminhos pelos quais têm enveredado as diversas filosofias da linguagem, que essa unificação esteja próxima ou seja mesmo possível. O que, diga-se de passagem, não é necessariamente um mal. Em ciências e disciplinas com créditos históricos e epistemológicos bem mais assentes, os ideais de unificação são, igualmente, problemáticos.

linguagem e dos variados métodos, critérios, perspectivas e condições pelas quais abordam o seu objecto de estudo. Mesmo que não se conclua da mesma forma que Ricoeur ou não se sigam as suas apreciações críticas, não se pode deixar de concordar com o seu diagnóstico: a Filosofia da Linguagem exprime-se, actualmente, em formas diversas e até contraditórias no seu posicionamento, quer em relação à problemática da linguagem, quer em relação às disciplinas linguísticas que a tematizam.

Daqui decorre que se torna difícil e complexo dar, com a profundidade requerida, um retrato fiel do estado de uma situação teórica quando esta se processa pelos trilhos enovelados da interdisciplinaridade e vai constantemente modificando o\* seu sentido, à medida da sua própria história»

A inevitável demarcação temática no seio da interdisciplinaridade está intrinsecamente relacionada com a ordem da sua constante «transformação» crítica e esta não se processa, como é óbvio, numa sequência temporal linear.

Na *razão* das suas discontinuidades, na confluência ocasional das suas m-disciplinas, situa-se o óbice maior a uma delimitação territorial minimamente operacional, com vista à sua modulação metateórica.

Esta corre o risco, numa momentânea transposição, de ficar aquém ou além da sua função, pelo que antecipa de um processo ainda em plena evolução descontrolada e susceptível, portanto, de correcções mais ou menos pronunciadas mas que lhe podem, em qualquer momento, alterar significativamente o rumo.

Se é possível inventariar uma acumulação de temáticas comuns nas disciplinas filosóficas e linguísticas e delimitá-las na sua especificidade relativa, já se tornará problemático ordená-las sistematicamente e ponderá-las numa articulação coerente.

Daqui o embaraço (do qual Ricoeur, igualmente, se faz eco) numa escolha metodológica suficientemente característica para que possa servir operacionalmente como fio condutor.

3. Não é das mais felizes a prática de designar por «linguísticas» todas as investigações que, desde os tempos mais remotos até aos nossos dias, relevam do estudo da linguagem. E isto, sobretudo, porque a partir da constituição da Linguística como disciplina autónoma dever-se-iam entender por «linguísticos» apenas os enunciados dessa disciplina.



Se por «linguístico» considerarmos, tão só, o que releva da Linguística (aquilo que se processa e fundamenta no seio desta disciplina), então antes do séc. XIX não existem estudos linguísticos, pois só nesta altura tal disciplina começou a ganhar um espaço próprio e autónomo. Ora, se é pacífica para a maioria dos linguistas a *tese de* que as investigações no domínio da gramática histórica e da gramática comparada marcam os começos científicos da sua disciplina <sup>(16)</sup>, há quem considere que só se pode falar de uma linguística, enquanto ramo autónomo do Saber, a partir da «ruptura» saussuriana <sup>(17)</sup>, ou seja, do aparecimento da Linguística estrutural.

Entendamos que «ruptura» significa, mais precisamente, o abandono das teses impressionistas sobre a linguagem (e que tinham feito a felicidade das investigações pretéritas) e a adopção de um ponto de vista epistemológico inédito. Dava-se assim origem a um objecto formal, esse sim, realmente passível de um tratamento científico, no sentido próprio. Como diz Saussure: «... dir-se-ia que é o ponto de vista que cria o objecto...» <sup>(18)</sup>. Ora o objecto linguístico, assim determinado, não é o mesmo dos estudos tradicionais acerca da linguagem. Na verdade, a língua (*langue*) «não se confunde com a linguagem» <sup>(19)</sup>.

---

<sup>(16)</sup> Uma excepção de vulto é a de Chomsky que situa, ao arrepio da tradição, os começos da linguística no séc. XVII. Tal implica, como ele próprio reconhece, a construção da noção de «linguística cartesiana» (cL Chomsky, Noam — «La linguistique cartésienne» — Paris, Ed. Seuil, 1969, pág. 16, nota 3, a qual, quer histórica quer epistemologicamente, é polémica.

Cf. Aguiar e Silva, op. cit., plg. 33, nota 34, que comenta: «... Chomsky incorre num grave equívoco ao identificar assim sob a mesma designação concepções da linguagem e da criatividade linguística tão heterogéneas como a concepção racionalista de pensadores e poetas como Herder, von Humboldt, A. W. Schlegel e Coleridge, subjacente à qual não existe uma «filosofia da mente», mas antes uma concepção anti-racionalista do espírito e do universo».

<sup>(17)</sup> Segundo Robins, R. H. (Cf. — «Breve histoire de la linguistique» — Paris, — Ed. Seuil, 1976, pág. 207), há mesmo quem tenha comparado a publicação do «Gours» a uma «revolução copernicana». (P. ex. P. A. Verburg, in «Lingua», 2 (1950), pág. 114).

A questão do autor da revolução epistemológica na Linguística contemporânea continua a ser uma.

<sup>(18)</sup> Saussure, F. — «Cours de linguistique générale» — Paris, Payot, 1960, pág. 23.

<sup>(19)</sup> Saussure, F. — op. cit., pág. 125.

É a verificação da prioridade desta questão que levará Benveniste a proclamar que «a grande mudança que se deu na linguística respeita precisamente a isto: reconheceu-se que a linguagem deve ser descrita como uma estrutura formal, mas que essa descrição exige previamente o estabelecimento de procedimentos e critérios adequados, e que em suma a *realidade do objecto* não é separável do método próprio para o definir.»<sup>(20)</sup> (m. sub.).

Se a realidade do objecto da Linguística estrutural não se confunde com a realidade da linguagem concreta e se se constitui antes como um objecto de conhecimento, temos, então, que a determinação científica da Linguística é de crucial importância para a Filosofia da Linguagem já que é na base dessa determinação que se podem delimitar as fronteiras entre as duas disciplinas. Esta delimitação é fundamental, sobretudo nesta época de «inflação da linguagem na filosofia contemporânea»<sup>(21)</sup> e onde, portanto, a manter um mínimo de rigor operatório, é antes de mais nada necessário saber se a Linguística e a Filosofia da Linguagem falam acerca da mesma «realidade linguística» ou se têm objectos radicalmente distintos.

4. Os êxitos contemporâneos da Linguística, a sua capacidade de fornecer modelos teóricos a áreas alheias à sua investigação e a importância que a linguagem assumiu na reflexão filosófica, explicam em parte que alguns queiram encontrar no passado, «avant la lettre», uma linguística incoativa.

Trata-se de um erro de paralaxe que, por motivo de uma projecção recorrente das concepções actuais das ciências da linguagem sobre investigações passadas, quer ver na existência transacta de outras formações teóricas, aparentemente símiles da actual Linguística, uma linha de continuidade com a contemporaneidade.

Disso é bom exemplo o propósito daqueles, e são vários, que fazem da Filosofia da Linguagem uma forma de Linguística «démodée», apenas menos rigorosa ou simplesmente órfã de uma fundamentação metodológica capaz.

---

<sup>(20)</sup> Benveniste, E. — «Problèmes de linguistique générale», Paris, Gallimard, 1966, pág. IU18-

<sup>(21)</sup> Título de um pertinente estudo de Gilbert Hottois, publicado pelas Editions de l'Université de Bruxelles, em 1979.

A história da filosofia da linguagem não é, contudo, uma via isenta de dificuldades, numa continuidade linear, sem precalços ou desvios. Pelo contrário, ela é feita, como é facilmente verificável, a partir de coordenadas contemporâneas, moldadas na situação teórica actual e servindo-se de modelos quantas vezes adoptados na emergência de uma dificuldade programática.

Na opinião de André Jacob <sup>(22)</sup> mesmo que autênticas histórias da filosofia da linguagem fossem moeda corrente, é provável múltiplos seriam os pontos de partida, as triagens, as escolhas e as interpretações».

Por isso todas as cautelas são poucas em evitar uma via reductionista que queira resumir a filosofia da linguagem a uma das suas múltiplas leituras possíveis, ou tentar refazer a sua história pelo prisma enviezado de uma das suas concepções contemporâneas.

Muitos são aqueles que procuram, no passado, por motivos puramente estratégicos, uma fundamentação das suas teorias ou a confirmação, por antecipação, das *tes&s* avançadas no presente.

A Linguística, mesmo a mais rigorosa, é ela própria cúmplice deste estado de coisas ao dar-se o caso de investigadores, como Ghomsky, procurarem nesse passado histórico, de forma carente de justificação conveniente, ou por razões que não são linguisticamente pertinentes, garantias suplementares das suas teorias, em espúrias considerações filosóficas acerca da linguagem <sup>(25)</sup>,

Ora, tal como Kristeva já tinha chamado a atenção: «a gramática do séc. XVIII, a linguística histórica do séc, XIX e a gramática generativa não pertencem à *Mesma Linguística*» <sup>(24)</sup>.

Também Foucault chama a atenção, na sua finíssima análise das teorias da linguagem em Port Royal, para o facto de que «a gramática geral não é uma quase-linguística, apreendida ainda de forma obscura; e a linguística moderna não é uma nova forma

---

<sup>(22)</sup> Jacob, A. — «Introduction à la philosophie du langage» — Paris, Gallimard, 1976, pág. 48.

<sup>(23)</sup> Cf. Parret, Herman — «Les théories linguistiques peuvent-elles être idéologiquement neutres? ou L'histoire d'un démon qui s'appelle véridiction» — in «Strutture semiotiche e strutture ideologiche» Quaderni dei circolo semio lógico siciliano, L978<sub>3</sub> 8-10, pág. 72-3.

<sup>(24)</sup> Kristeva, J. — «Les épistémologies de la linguistique» — in «Langages», 24, Paris, Didier — Larousse, il9<sup>1</sup>71<sub>3</sub> pág. 7.

mais positiva dada à velha ideia de gramática geral. *Trata-se de facto de duas configurações epistemológicas diferentes, cujo objecto não se demarca da mesma maneira, cujos conceitos não têm de forma alguma o mesmo lugar, nem exactamente o mesmo papel»* (25), Dito, por conclusão, a Filosofia da linguagem não é uma forma, mesmo que incipiente, da Linguística!

(continua)

*Pedro Araújo Figueiredo*

---

(25) Foucault J. M. — «Introduction à la grammaire générale et raisonnée de Port-Royal» (1960) — reproduzido in Huisman, B. e Ribes, F. — «Les philosophes et le langage» — Paris, Sedes, 1986, pág. 134.